



**OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PARA AS NOVAS GERAÇÕES:
ENTENDENDO A GERAÇÃO Y**

Carlos Honorato Teixeira
honoratox@gmail.com

Sumaré
FACULDADE

Revista Acadêmica Eletrônica Sumaré

RESUMO: Este ensaio analisa como as inovações tecnológicas ocorridas entre a segunda metade do século XX e os primeiros anos do século XXI têm influenciado a forma de pensar e de agir das gerações deste tempo. Começando no pós-guerra com os babyboomers, e seguida pelas gerações x e y, a tecnologia continuará moldando as características comportamentais das futuras gerações. Entender as características de cada uma destas gerações e, sobretudo da geração Y, representada pelos jovens nascidos entre 1979 e 1990 possibilita a sua inclusão no mercado de trabalho, nas escolas enfim, nos diversos setores sociais.

PALAVRAS CHAVE: Sociedade Informatizada; Conflito de Gerações; Babyboomers; Geração X; Geração Y; Futuro e Novas Gerações.

Introdução

Vivemos em um mundo de completa mutação. Chegamos a um novo século, em um período de incertezas com muitas dúvidas e desafios, especialmente para os mais jovens. As grandes revoluções parecem já ter acontecido, as grandes inovações parecem imediatas, os vilões globais não são mais países, pessoas ou causas, se é que é possível ainda definir bem quem são os vilões!?

A tecnologia se desenvolve com uma velocidade muito superior a nossa capacidade de entendimento, aplicação e uso, e mais do que isso: a nossa capacidade efetiva de absorver e aproveitar plenamente dessa evolução. Nesse panorama o desafio da educação e formação de pessoas ganha uma complexidade ainda maior do que naturalmente teria. Formar indivíduos e prepará-los para o futuro está na tônica do dia, mas talvez não saibamos exatamente como enfrentar isso. Nessa perspectiva discutir o conflito existente entre gerações parece uma boa forma, ou pelo menos racional, de se tentar enfrentar esses desafios.

O estudo e o rótulo de gerações diferentes nos confortam na possibilidade de encontrar uma reflexão sobre as grandes diferenças entre as pessoas que estão na condução de empresas e salas de aula e os jovens adolescentes que nos desafiam diariamente com sua estrutura de pensamento e comportamento aparentemente diversa e por vezes incompreensível.

A Geração Y, designação usualmente utilizada para classificar os nascidos a partir de 1979 até meados dos anos 90, é alvo constante de estudos, análises e proposições. O interesse por esse grupo de pessoas em especial, caracteriza-se pela observação peculiar que esse grupo de jovens foi o primeiro a ter crescimento totalmente em uma sociedade informatizada, com computadores, telefones móveis e toda a sorte de *gadgets* (acessórios) eletrônicos para comunicação, diversão e estudo. São os primeiros jovens a efetivamente contarem com um acesso online durante toda a vida e para eles, internet, telefones celulares e computadores sempre existiram. É inconcebível, ou pelo menos inimaginável, para eles entenderem como o mundo misteriosamente funcionava antes, sem esses apetrechos para comunicação instantânea e virtual.

Mas qual a razão de serem chamados de Y? Simplesmente porque houve uma geração X anterior, o que parece trivial demais. Isso não é apenas uma sequência de letras do alfabeto para designar as gerações, há uma razão por traz disso e vale a pena se debruçar sobre esses rótulos.

As diferentes gerações

Muitos estudiosos, das mais diversas áreas de conhecimento consideram o século XX como o mais transformador e radical período da História da Humanidade. Nunca antes, como se costuma ouvir, a história humana teve tantas transformações, profundas, radicais e contraditórias. Outros períodos tiveram suas grandes mudanças, mas fica a percepção de que os anos de 1900 a 2000 foram os mais intensos da história da civilização, especialmente a ocidental.

As gerações do início do século XX até os nascidos proximamente à II Grande Guerra viveram em um mundo ainda bastante rural, turbulento e desconectado. Se pensarmos em termos de tecnologia, no início do século, não havia energia elétrica, nem rádios, TVs, nem meios de comunicação em massa e a velocidade de comunicação era milhares de vezes menor que nos dias atuais. A viagem entre nações se dava por longas travessias em navios, as estradas não passavam de leitos carroçáveis para tropeiros e animais, a vida em geral era bem mais provinciana. Esses indivíduos mantinham um conjunto de práticas, influências e informação mais ou menos comum e são definidos arbitrariamente como tradicionais – sem remeter exatamente ao que o termo “tradicional” signifique.

A geração dos filhos dessa geração de tradicionais nasceu a partir das décadas de 40 e 50. Essa geração posterior aos tradicionais é chamada de babyboomers e compreende, arbitrariamente, todos os nascidos a partir do pós-guerra até fins da década de 1960. Com o fim da Guerra e a percepção dos horrores que os conflitos e as crises da primeira metade do século proporcionaram, houve um breve período de euforia, esperança e crença de que a Humanidade jamais pudesse passar novamente por aqueles anos cruéis. Devia-se evitar a qualquer custo a repetição dos conflitos mundiais naquela dimensão e havia uma visão utópica, talvez inocente e romântica, de que a vida seria muito boa a partir dali e não mais haveria grandes conflitos, visão que logo desmoronou com a emergência da Guerra Fria.

Essa geração cresceu no que talvez se possa considerar o período econômico mais próspero do século XX, quando as apostas na tecnologia e na capacidade humana de dominar a natureza atingiram seu auge. Por outro lado, essa geração também questionou de maneira contundente alguns valores tradicionais e promoveram grandes discussões, revoluções no comportamento e na forma de se observar o mundo, de encarar a sexualidade, o papel da mulher na sociedade e a defesa da natureza na sociedade contemporânea. São desse período os maiores, ou talvez mais populares, ícones do século, no qual o idealismo talvez tenha atingido também o seu auge. A década de 1960 e todos os seus estereótipos de liberdade, rebeldia e contestação ilustram bem esse período.

Porém, a crença de que poderíamos dominar a natureza e que a humanidade viveria um eterno crescimento econômico e desenvolvimento social, logo caiu por terra nos primeiros anos do pós-guerra e essa frustração se consolidou com algumas crises do capitalismo que assolaram as economias ocidentais, especialmente a partir do início da década de 1970 e promoveram impactos de diversas intensidades em todo o mundo, como, por exemplo, a crise dos anos 1980 no Brasil. A década de 1970 foi uma década de excessos e marca uma nova mudança, deslocando aquele pensamento mais idealista para uma visão individualista, egoísta e focada em resultados, predominante na década de 1980, muito bem ilustrada pelos yuppies de Wall Street,

onde o tempo é dinheiro e devemos trabalhar o máximo possível. É nesse período que a geração X começa a viver sua juventude.

A geração X corresponde aos nascidos entre o final da década de 1960 e fins da década de 1970 e alcançaram sua adolescência e juventude em meados de 1980. Foram chamados de X justamente por representarem uma incógnita como filhos de uma geração contestadora e idealista dos babyboomers, as incertezas do futuro e de viverem em um momento de turbulência econômica, em uma sociedade extremamente individual e sem grandes causas a defender. Ícones populares, especialmente músicos (músicos sempre representam bem os estereótipos de uma era) nascidos nessa geração - Cazusa, Renato Russo, Kurt Cobain, do grupo americano Nirvana, ilustram e viveram, até de forma contraditória, a crise e certa desilusão da geração X com o incômodo da sociedade em que viviam. Percebem, até por meio de suas músicas, que apesar das grandes revoluções românticas do passado, estão em um mundo que os “meus heróis morreram de overdose, e meus inimigos estão no poder” de Cazusa. O X dessa geração espelha uma fase de incertezas pela qual passa o mundo. Mas foi dessa geração também que surgiram todos os grandes elementos aglutinadores pelos quais as atuais gerações caminham e crescem se comunicando. Facebook, Orkut, Youtube, Google, entre outros, são todas criações da geração X!

O fato é que, como ilustra o historiador Eric Hobsbawm, *vivemos em uma Era de Incerteza, mas da mesma forma Tempos Interessantes*. Vivemos em um presente contínuo, tudo está disponível de todas as formas que quisermos e pudermos. Parece que percebemos que houve uma Segunda Guerra Mundial, só porque houve uma primeira. Tudo está disponível, tudo é rápido, instantâneo, acentuado por um processo de globalização a velocidade da informação e sua disseminação são praticamente imediatas. É nesse contexto que surgem os jovens imersos na tecnologia, da geração Y.

A Geração Y ou Geração da Internet como comentado anteriormente, dos jovens nascidos a partir de 1979, é a primeira geração a efetivamente crescer em um mundo de convergência tecnológica e de comunicação, convivendo com toda essa informação instantânea e infinitos meios de comunicação digital. Nessa perspectiva é interessante entender que esse grupo de jovens está imerso em uma realidade peculiar e diferente de seus predecessores.

Há certamente um grande interesse por essa geração Y, talvez superior aos estudos de gerações anteriores. Talvez porque elementos de convivência parecem não se aplicar mais a esse grupo. Com essa realidade de “pós tudo” que vivemos, associada à acessibilidade completa a absolutamente tudo o que queira se saber. A Geração Y adquiriu uma característica bastante crítica, quase niilista, isto é, o nada como forma de vida. A origem desses jovens muitas vezes reside em seios familiares de pais separados, trabalhadores compulsivos e ausentes da década de 1980, que deixavam seus filhos nas mãos de avós, babás ou mesmo apenas com seus computadores e amigos virtuais. Parece mais fácil conversar com o computador do que conversar pessoalmente. Esse jovem acessa tudo e coloca-se com uma vantagem ao saber manejar as ferramentas de comunicação, mas não necessariamente a comunicação em si. Essa condição aparentemente solitária e praticamente autogerida leva esse jovem a formar uma opinião, avessa aos clichês dos adultos, ou pelo menos dos pais. São muito mais questionadores e crus no posicionamento frente à chefia, professores e superiores.

É preciso fazer, porém, uma ressalva sobre tudo isso. Nem todos os jovens nasceram no mesmo extrato social, com os mesmos acessos e condições de comunicação e inter-relação de jovens estereotipados no parágrafo acima. Certamente existem jovens e jovens. O ponto comum talvez resida única e exclusivamente na Globalização Tecnológica, que tornou o mundo rápido e global. Só isso já explica muito.

É interessante entender tudo isso sobre os óculos de quem lê – explico: é preciso empatia, entender como esses jovens funcionam na perspectiva deles. Certamente a empatia será muito útil também para entender os idosos. Uma observação superficial desses jovens sem o filtro da empatia levará a conclusões de que são pessoas desinteressadas, arrogantes e que se colocam como conhecedores de tudo. Não só o Y, mas jovens de qualquer geração sempre foram um pouco arrogantes, cheios de si e irresponsáveis.

Olhando, portanto, com um pouco mais de cuidado, vamos observar que esse mergulho no mundo da informação desde sempre, tornou esse jovem carente de profundidade, de competência e de uma ligação com valores que podem não ser certos ou errados, mas definitivamente ele acredita. Isso pode ser atribuído ao fato que esse jovem foi exposto desde pequeno à dura realidade da vida, do Planeta e do que fizemos com ele. As preocupações ambientais globais só eclodiram a partir da década de 90 e a incerteza sobre o futuro da Terra e dos homens, por conseguinte, vem inquietando o mundo.

Somando-se a isso, vivemos em um mundo descartável e imediato. O que é bom, ruim, perene, legal? O que não é comercializável? Tudo parece ser mercado e consumo. O hoje eterno se descarta no tempo da inovação. Isso causa um paradoxo entre a mediocrização de tudo e um vazio em busca de substância. O jovem da geração Y também está mergulhado nisso. Pesquisas indicam que o jovem Y prefere trabalhar com pessoas competentes que o ensinam, em detrimento de trabalhar com alguém famoso e distante. O trato desse jovem é direto e franco e é isso o que ele busca em seus antagonistas, chefes, professores, amigos, familiares e todos os outros com quem convive. Eis aí uma chave de conexão e de sucesso.

Atingir o coração dessas pessoas, entendendo com empatia o que querem, colocando-se no seu lugar; fazendo-os acreditar e principalmente entender o que se está fazendo, não os subestimando, mas os orientando com firmeza e credibilidade – eis outra palavra mágica – o caminho para incluir esses jovens quer no mercado de trabalho, quer nas escolas, quer nos sindicatos e associação de classe, será muito mais breve.

Rotulá-los, assim como nos rotular, não é agradável. Adolescentes e jovens sempre existiram e queremos que sempre existam. De uma forma ou de outra, já fomos ou poderemos ser jovens por muito tempo. Uma sociedade baseada em valores francos e positivos pode ser a gênese de um futuro promissor. Todas as épocas e gerações tiveram seus momentos, e para o bem ou para o mal, envelhecer é parte inexorável daqueles que não se vão. Certamente outros X, Y, Z... virão e questionarão a geração anterior. Aprender a conviver e entender o outro pode ser a chave do sucesso.